

## 10. TRABALHOS COMPLETOS: EIXO 4 - AVENTURA, DIVERSIDADES E INCLUSÃO

### PROJETO NATUREZA DE CRIANÇA: INCLUSÃO E AVENTURA

Jayme Rissato Veira<sup>1, x</sup>, Dimitri Wuo Pereira<sup>2</sup>, Francisco de Assis Andrade<sup>3</sup>

(<sup>1</sup>Instituto Terra de Inclusão e Disseminação da Visão Positiva da Deficiência, Projeto Natureza de Criança, Rua Dr. Antonio Sousas Campos 210, Bairro Cambuí, Campinas - SP, CEP 13.024-220, Brasil; <sup>2</sup>ABEE e LEL-Laboratório de Estudos do Lazer/GERE/UFU, Rua Ernestina de Castro Marcondes, 263, casa 145, Jundiaí - SP, CEP 13214554, Brasil;

<sup>3</sup>Instituto Terra de Inclusão e Disseminação da Visão Positiva da Deficiência, Projeto Natureza de Criança, Rua João Wayand Junior, Quarteirão Brasileiro. Petrópolis. CEP 25680-090, Brasil. <sup>x</sup>Autor de correspondência: prof.jaymerissato@gmail.com)

### RESUMO

Este trabalho teve como objetivo descrever a experiência de educação não formal presente no projeto para propor reflexões sobre deficiência, ensino de aventura, sustentabilidade e inclusão. A metodologia utilizada foi um relato de experiência com uma análise reflexiva por parte dos pesquisadores a respeito do envolvimento do grupo com a natureza. Participaram da atividade 54 pessoas, sendo 27 adultos e 27 crianças, metade delas com deficiência visual e a outra metade sem deficiência visual. Foram propostas atividades de canoagem, caminhadas em trilhas, brincadeiras nas águas de uma represa, rodas cantadas, sensibilização sensorial na natureza e caminhadas coletivas com um vidente conduzindo um não vidente. Os resultados mostraram grande interação entre crianças e adultos, com a desmistificação da deficiência visual, aprendizados sobre a natureza e reconhecimento de locais pouco explorados por deficientes. Acredita-se que mais projetos como este devem ser realizados para diminuir o preconceito sobre as pessoas com deficiência e para emponderá-las e melhorar sua autonomia.

**Palavras-chave:** Deficiência visual; crianças; natureza.

### INTRODUÇÃO

A inclusão é um tema central de discussão em qualquer ambiente em que se transite, em qualquer cultura em que se esteja inserido. Ela deve estar presente onde vivemos: “[...] nas famílias, nas escolas, no mercado de trabalho, nos esportes, nos espaços de lazer, enfim, em todas as situações da vida do ser humano” (AMARILIAN, 2009, p. 6).

O tema é complexo e não basta colocar na lei a defesa da pessoa com deficiência, ou de permitir o acesso.

Não se trata de descomplicar as condições de acesso ao lazer, à educação, à saúde e à moradia das pessoas com deficiência, mas na realidade, de oferecer conjunturas ideais de igualdade. Pensar sob esse prisma é acreditar na capacidade potencial de produzir conhecimentos e de aprender de pessoas com diferentes formas de se concatenar com o saber e com o mundo (FREITAS, SALES, MOREIRA, 2016, p. 101).

A prática da aventura numa perspectiva esportiva e de lazer proporcionam momentos de desafio, liberdade, superação, quebrando regras e limites impostos pela sociedade, em muitos casos, dando sentido à vida das pessoas (SILVA; SALERNO, 2020).

O projeto Natureza de Criança foi criado por Isabela Abreu, que é formada em Comunicação Social pela Escola Superior de Propaganda e Marketing e em Educação Experiencial ao ar livre pela *Outward Bound* Brasil. O propósito do projeto é proporcionar experiências junto à natureza para crianças em acampamentos e viagens à montanhas, florestas, rios e mares, propondo o contato manual com os materiais e a exploração dos sentidos (ABREU, 2024).

O projeto é financiado pela lei de incentivo ao esporte, com empresas destinando parte do seu imposto para a realização de eventos, que integram crianças com deficiência visual, com crianças sem deficiência, para desmistificar os preconceitos e quebrar barreiras sociais sobre as pessoas com deficiência, apostando na inclusão como mecanismo para a educação, vínculo social e humanização. Há no Brasil cerca de 16,5 milhões de pessoas com deficiência visual e aproximadamente 5 milhões são crianças (IBGE, 2024).

O projeto é desenvolvido com o momento de captação de recursos, seguido da seleção de profissionais (professores, líderes e apoio geral) que conduziram as atividades, entre eles professores de educação física especializados em canoagem, sendo que uma das características dos líderes selecionados é possuir deficiência visual, para aumentar a adesão e comunicação com as crianças com deficiência, que são uma das metas principais do projeto. Além disso, é feita a aquisição de recursos materiais e da captação de famílias que tenham os pré-requisitos para participar do projeto.

Durante a execução do evento as crianças participam de diversos momentos como roda de apresentação dos participantes responsáveis e seus filhos, apresentação da equipe de trabalho, além de descrição do espaço, sentir, ouvir cheirar e tatear as diversas texturas que a reserva de mata atlântica tem para proporcionar no local em que ocorrem as atividades.

Este texto pretende problematizar as influências do contato com a natureza, para crianças com e sem deficiência visual e o projeto Natureza de Criança fornece as condições para essa meta.

O objetivo central da pesquisa é descrever a experiência de educação não formal presente no projeto para propor reflexões sobre deficiência, ensino de aventura, sustentabilidade e inclusão.

## METODOLOGIA

Acredita-se que o conhecimento científico se propaga através de escritos de diversas naturezas, como as leituras de textos, como a manipulação de variáveis, como entrevistas, como aplicação de questionários e sem dúvida com as interpretações de relatos vividos pelos atores envolvidos com a pesquisa.

Este é o caso dos relatos de experiência profissional, no qual os trabalhos educacionais se inserem de modo autêntico e fundamental para apresentar os conhecimentos desenvolvidos através da ação - reflexão própria ao ato educacional.

Mussi, Flores e Almeida (2021) apontam que três aspectos devem ser levados em consideração para o relato de experiência manter seu rigor científico, são eles:

Conhecimento - a educação tem como um dos pressupostos o conhecer, o mundo, o humano e suas interações, seja esse conhecimento de caráter popular, religioso, filosófico ou científico, que compõe a cultura, na qual o educando deve ter contato no meio educacional.

Experiência - vivenciar é a principal via para compreender, neste caso quando o aprendiz experimenta situações intencionais de aprendizagem ele tem acesso direto ao conhecimento que se pretende que seja alcançado.

Relato de Experiência - Neste contexto, relatar uma experiência vivida é utilizar um processo racional de ação e reflexão sobre os problemas do próprio processo de aprendizagem para analisar, sintetizar e avaliar os processos oriundos da atividade de ensino, visando seu aperfeiçoamento e reprodução a outros educadores.

O recorte que este estudo apresenta ocorreu no dia 22 de Outubro de 2023 das 11 horas às 18 horas, compondo um total de 7 horas de atividade.

O local em que ocorreu a atividade foi na cidade de Miracatu - SP, espaço de 31 mil hectares, chamado Legado das Águas, que é a maior reserva privada de Mata Atlântica do país, de responsabilidade do grupo Votorantim. Neste local existem sete barragens de água, e muita biodiversidade de flora e fauna, no dia do evento amanheceu um pouco nublado, no entanto, nas primeiras horas da manhã o sol apareceu e pode alegrar nossa manhã.

O público selecionado para a atividade foram, um adulto e uma criança por família, em um total de 54 pessoas, sendo que 27 adultos de faixa etária entre 26 a 57 anos e 27 crianças de faixa etária entre 6 a 12 anos, no qual 13 crianças não tinham deficiência visual e 14 crianças com deficiência visual, tendo crianças com baixa visão e crianças cegas.

A equipe que conduziu o grupo foi formada por 16 pessoas, entre professores, líderes deficientes visuais, apoio e o pessoal que fez parte da alimentação e registro fotográfico da atividade.

Os equipamentos utilizados nas atividades foram todos de propriedade e responsabilidade do Projeto Natureza de Criança e foram 30 caiaques infláveis com capacidade para 2 pessoas cada um, 60 remos, 60 coletes, além de materiais para os alunos como 60 *squeezes*, 60 camisetas, 6 galões de água de 20 litros.

O trabalho foi descrito no diário de campo, pelos pesquisadores e as imagens (fotos) auxiliaram nas descrições do local, materiais e expressões das crianças participantes, permitindo aproximações com os sentimentos e sensações das crianças, através da rememoração das situações vividas pelos pesquisadores.

Foi feita uma interpretação das situações descritas num processo de reflexão compartilhada entre os pesquisadores.

Os pais das crianças foram informados sobre o relato de experiência e concordaram que na manutenção de sigilo dos nomes e imagens dos mesmos, poderíamos apresentar as situações e elaborar reflexões educacionais sobre o evento.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na sequência formaram-se duplas com crianças videntes e crianças com deficiência visual, e elas deveriam passear pela natureza, para reconhecê-la, fazendo uma descrição do espaço com suas características (como é o chão, a grama, a terra, se há madeiras, plantas, se há poça d'água) incluindo-se neste espaço o vestiário que deveriam reconhecer. A descrição do ambiente deveria ser feita em detalhes, como eram as folhas, como eram as flores, o piso, seus tamanhos, cheiros e texturas. Também deveriam perceber o canto da araponga, ave que costuma habitar na região.

Depois as crianças foram conhecer os equipamentos que seriam utilizados e o modo como utilizar cada um. Era importante perceber suas texturas, tamanhos e pesos. O caiaque, remos e coletes foram os materiais usados na atividade. Para as crianças com deficiência visual, foi colocado um palito preso com fita adesiva para terem uma referência de como a pá do remo deveria entrar na água. Em relação ao caiaque, os deficientes visuais tatearam seus limites para compreender como se posicionar nele, sabendo qual a parte frontal e traseira. Foram dadas instruções para todos sobre como remar no caiaque, de modo que todos, videntes e não videntes receberam informação sobre a cultura corporal de aventura na natureza (canoagem), pois o patrimônio cultural é um direito de todas as crianças (FREITAS; SALES; MOREIRA, 2016).

Assim que todos embarcam no seu caiaque, saíram remando, sentindo e observando o caminho a percorrer em que passamos por quedas d' água, grutas, em um determinado momento, bem no meio da represa ficamos parados para ouvir os sons da natureza, para aguardar todos os participantes se juntarem com o grupo e assim que todos os participantes chegaram fez-se um

minuto em silêncio para escutar os sons da natureza e uma professora começou um canto para saudar a natureza e suas águas.



Imagem 1. Atividade de canoagem: arquivo pessoal dos pesquisadores

Ao chegar na praia os participantes fizeram um piquenique, cuja proposta foi o uso mínimo de embalagens e plástico na confecção dos alimentos, procurando uma alimentação mais saudável com frutas, legumes e tortas com uma vertente mais vegana, proporcionando uma experiência de novos sabores.

Após o lanche todos foram convidados a entrar na água para um banho de rio, em um local raso, explorando a experiência de boiar, nadar e sentir a textura do chão, que era argiloso. Pudemos observar também uma grande quantidade de girinos na beira da represa. Então ocorreu um batismo simbólico nas águas do Rio Juquiá, que com a mão o professor fez uma concha e jogou água na cabeça das crianças. E no final criou-se uma bagunça na água com todos jogando água para cima com o intuito de fazer uma chuva, o que gerou uma experiência sensorial para todas as crianças presentes.

A atividade seguinte foi uma trilha, em que os colegas ajudaram-se mutuamente sendo eles videntes ou não videntes, num percurso médio de 500 metros até o riacho desenvolvendo a capacidade de perceber a dificuldade do outro (MIRANDA, 2021), e durante o caminho aconteceram muitas descobertas: passagens por obstáculos naturais que são árvores caídas no caminho; chão úmido e um pouco escorregadio: árvores com diferentes líquens que os participantes poderiam tatear e sentir sua textura: folhas grandes e pequenas: folhas em decomposição durante o trajeto até o riacho, neste riacho as crianças sentiram a água correndo entre as mãos e os pés, podendo ali experimentar e construir uma barragem natural de pedras que encontramos no local.

Após o término da trilha do riacho os participantes retornaram para a área de embarque do caiaque, porém dessa vez o retorno foi em um barco a motor, proporcionando a sensação do vento e da água espirrando no corpo, momento ímpar de sensações inusitadas. Chegando à parte final do passeio, foram para a trilha suspensa da figueira um percurso de 300 metros até uma grande figueira no qual uma professora realizou uma “contação” de história sobre o índio e a figueira e neste momento todas as crianças sentaram em volta da figueira para no final da história a abraçá-la. E finalizou-se com um passeio no jardim sensorial, estratégia que estimula a aprendizagem sobre a natureza através da sensibilização dos órgãos do sentido (tato, olfato), em que fez-se um convite aos participantes videntes, para que fechassem seus olhos e deixando que sua dupla, agora a criança com deficiência visual os guiasse, Sabbagh e Cuquel (2007) apontam para o ganho de autonomia de pessoas com deficiência neste tipo de ambiente. As pessoas deficientes fizeram a leitura das placas em braile e ensinaram seus amigos como eles podem fazer leitura das mesmas, tal qual afirma Carvalho (2005), o deficiente visual, mais do que outras pessoas conhece e apreende o mundo através de seu corpo e neste sentido a experiência



amplia as possibilidades de conhecer e ser. No setor do piso tátil todos foram convidados a pisar descalços na grama, na areia, nas pedrinhas, nas pedras grandes, no bambu e nas cascas de árvore, e ao final, com uma palavra deveriam expressar o sentimento presente durante o dia. Enfatiza-se que o aumento de experiências motoras de interação entre o deficiente visual e o meio ambiente, em atividades de deslocamento, é fundamental para diminuir o prejuízo que essa deficiência causa às pessoas portadoras (MEEREIS *et al.*, 2011).



Imagem 2. Atividade de roda cantada, arquivo pessoal dos pesquisadores

Um dos aspectos observados pelos pesquisadores reside na aproximação entre crianças deficientes visuais e não deficientes, aumentando sua interação e diminuindo a timidez e vergonha e entre os motivos para quebrar essa barreira estão as brincadeiras e jogos sensoriais que são usados para que todos sintam-se acolhidos. Neste sentido, o momento de pré evento em São Paulo foi útil para que se conhecessem as particularidades de cada indivíduo, permitindo reconhecer as potencialidades múltiplas de cada indivíduo (FALKENBACH; LOPES, 2010).

Ajuda neste processo o fato de alguns líderes do projeto também conterem a deficiência visual, a participação do professor de capoeira e o uso que faz da musicalização durante todo o passeio ajuda na atenção e envolvimento de todos nas propostas, pois a percussão dá ritmo às práticas. E por fim, como um dos professores é montanhista e já subiu ao cume dos montes Kilimanjaro, na Tanzânia e Monte Elbrus, na Rússia, gera um clima de aventura e superação ao grupo. Isso ajuda a colocar novos limites aos desafios pessoais.

Em alguns momentos percebe-se que as crianças dão menos importância à deficiência dos amigos e o companheirismo é o estímulo necessário para interações naturais.

O desenrolar das atividades ocorreu como estabelecido no planejamento, sem nenhuma intercorrência, proporcionando assim uma experiência ímpar aos participantes. No momento da canoagem foi preciso fazer o deslocamento na água de forma tranquila para conseguir manter o grupo o mais junto possível, afinal havia um gargalo entre os diversos participantes para sair da água com segurança e tranquilidade. O trabalho com a canoagem, foi o momento técnico mais específico, pois saber conduzir os caiaques com segurança é uma habilidade que o professor de educação física especialista demonstrou sua capacidade de ensinar o grupo a remada e de conduzir grande quantidade de caiaques pela represa. Neste sentido, Sousa, Silva e Silva (2019) já apontaram a necessidade de formação específica para esse tipo de prática com deficientes visuais.

## CONCLUSÃO

A experiência de vivenciar situações de aventura na natureza foi edificante para o grupo de crianças, tanto as com deficiência visual, quanto as sem deficiência visual e alguns aspectos devem ser ressaltados, como: a interação social entre eles; o aumento da percepção sensorial com as diferentes texturas, sons, temperaturas e cheiros, que foram sentidos nas diversas atividades

realizadas; a cooperação entre todas as pessoas do grupo, professores, líderes, apoio, pais e filhos; a compreensão sobre o outro, gerando empatia; o conhecimento sobre a remada no caiaque; a descoberta do potencial de se aventurar na natureza com autonomia; o espírito de coletividade que permeia as atividades de aventura e que esteve presente em todos os momentos da expedição.

Na situação de banho na represa, muitas crianças estavam com medo de participar, todavia com o auxílio dos professores eles se sentiram seguros para brincar na água, deixando o corpo boiar, nadando e se divertindo, isso demonstra que as estratégias utilizadas na socialização do grupo, com música, diálogo e cuidado com o outro foram positivas para este grupo.

Um dos principais aspectos vistos na trilha foi a experiência de sentir as plantas com suas texturas e cheiros, acredita-se que estimular os órgãos do sentido faz toda diferença na experiência de aventurar-se na natureza.

Em termos de desenvolvimento psicomotor, a atividade na natureza permitiu que cada criança aprendesse sobre como se configura a remada no caiaque e que melhorasse sua capacidade de deslocamento em diversos ambientes, com irregularidades próprias da natureza, aumentando suas habilidades de interação com o meio.

Após vivenciar toda essa experiência entre as crianças, percebeu-se que as pessoas saíram com o coração repleto de alegria, pois percebeu-se que foi plantada a semente de inclusão nos participantes, com um sentido de pertencimento renovado e com esperança num mundo melhor.

Portanto, acredita-se que outros eventos como este devem ser feitos para enraizar nas pessoas a possibilidade de mudar o quadro de preconceito e segregação ao qual as pessoas com deficiência sofrem no seu dia a dia, melhorando a qualidade de vida de todos.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos a empresa Solenis pelo financiamento do Projeto Natureza de Criança.

## REFERÊNCIAS

ABREU, I. **Natureza de criança**. Natureza - infância - inclusão. Disponível em: <https://naturezadecrianca.com.br/> Acesso em 16 de mar. 2024.

AMARILIAN, M. L. T. M. (org.). **Deficiência visual**: perspectivas da contemporaneidade. São Paulo: Vetor, 2009.

CARVALHO, A. J. S. **Esportes na natureza**: estratégias de ensino do canionismo para pessoas com deficiência visual. 182f. Dissertação de mestrado. Unicamp. Campinas, 2005.

FALKENBACH, A. P.; LOPES, E. R. Professores de educação física diante da inclusão de alunos com deficiência visual. **Pensar a prática**, v. 13, n. 3, p. 1-18, 2010.

FREITAS, M. G.; SALES, Z. N.; MOREIRA, R. M. Representações de alunos com deficiência visual sobre as aulas de educação física escolar. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 10, n. 1, p. 100-109, 2016.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo estatístico 2000**. Disponível em: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br) Acesso em 25 mar. 2024.

MEEEREIS, E. C. W.; LEMOS, L. F. C.; PRANKLE, G. I.; ALVES, R. F.; TEIXEIRA, C. S.; MOTA, C. B. Deficiência visual: uma revisão focada no equilíbrio postural, desenvolvimento psicomotor e intervenções. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 19, n. 1, p. 108-113, 2011.

MIRANDA, T. V. Educação física e deficiência visual: desafios e alternativas. **Cenas educacionais**, Caetité, BA, v. 4, n.e11152, p. 1-12, 2021.

MUSSI, R. F. F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. Pressupostos para elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista Práxis Educacional**, v. 17, n. 48, 2021.

SABBAGH, M. C.; CUQUEL, F. L. Jardim sensorial: uma proposta para crianças deficientes visuais. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, v. 13, n. 2. p. 95-99, 2007.

SILVA, C. B.; SALERNO, M. B. Esportes de aventura para pessoas com deficiência visual: o que dizem sobre a prática? **Revista Pensar a Prática**, v.23, n. e60450, 2020.

SOUSA, M. B.; SILVA, C. B.; SILVA, J. V. P. Canoagem para pessoas com deficiência visual: um relato de experiência. XXI CONBRACE. **Anais...** v. 1. 2019. Disponível em: <https://proceedings.science/conbrace-2019/trabalhos/canoagem-para-pessoas-com-deficiencia-visual-um-relato-de-experiencia?lang=pt-br> Acesso em 22 mar. 2024.